



Plurais Virtual

Universidade Estadual de Goiás
Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas de Anápolis

**ITINERÁRIO DO PENSAMENTO FRANCÊS NA GEOGRAFIA BRASILEIRA:
DA GEO-HISTÓRIA BRAUDELIANA À RELEITURA VIDALIANA DE
PIERRE MONBEIG E MANUEL CORREIA DE ANDRADE**

**ITINERARY OF FRENCH THOUGHT IN BRAZILIAN GEOGRAPHY: THE
GEO-HISTORY OF BRAUDELIAN REREADING VIDALIAN PIERRE
MOMBEIG
AND AND MANUEL ANDRADE**

Wellington Ribeiro da Silva*

Resumo: Para realizar o estudo das influências do pensamento francês na produção geográfica brasileira, erigida a partir da segunda metade do século XX, é fundamental realizar a exegese das obras de Braudel, Monbeig e Andrade, para investigar e analisar o alcance que as suas principais obras tiveram na produção do pensamento geográfico que, doravante, estabelecerá os pilares teórico-metodológicos sobre os quais se edificarão os grandes temas e, principalmente, as grandes abordagens dos geógrafos brasileiros até o alvorecer da chamada “Geografia Radical”.

Palavras-chave: Geografia Radical, Geografia brasileira, pensamento francês

Abstract: To carry out the study of the influence of French thought in producing geographic Brazilian erected from the second half of the twentieth century, it is essential to perform exegesis of the works of Braudel, Monbeig and Andrade, to investigate and analyze the extent that their main works had in the production of geographical thought that henceforth establish the theoretical and methodological pillars upon which it will build the major themes and especially the great Brazilian geographers' approaches to the dawn of the "Radical Geography".

Keywords: Radical Geography, Geography Brazilian, French thought

O estudo das influências do pensamento francês na produção geográfica brasileira, erigida a partir da segunda metade do século XX, propõe compreender as complexas relações entre a geografia e a história no momento em que ocorre uma marcante aproximação entre ambas, testemunhado pelo viés estruturalista que engendrou a ênfase na valorização das permanências na história, bem como, a disseminação da noção de longa duração. Tais noções fundamentam a nova roupagem do termo Geo-história que, sob o olhar de Fernand Braudel, imprimirá o viés pelo qual as imbricações espaço-temporais, herdeiras da obra de Paul Vidal de La Blache,

* Mestre em Geografia, professor da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itapuranga.



concorrerão para superação dos ineditismos e dos excepcionalismos na conduta do processo histórico.

Se nos dias correntes o campo de intersecção entre geografia e história é, por vezes, estreito e marcado por aleivosias e animosidades blindadas pela mística do saber objetivo e por injunções típicas da segmentação destas ciências, no tempo da geração de Fernand Braudel essa situação era bem diferente. As particularidades destas áreas não implicavam em uma comedida “zona de contato”, pelo contrário, as trocas eram constantes, intensas e uma simbiose acalentava perspectivas, paradigmas e produções acadêmicas diversas. É lógico que a departamentalização das disciplinas acadêmicas, que viria logo em seguida, contribuiu decisivamente para uma maior separação entre estas áreas, porém, esse não foi o único motivo¹.

Nesse sentido, não se quer aqui fazer uma exegese das obras de Braudel, Monbeig e Andrade, mas detectar, investigar e analisar o alcance que as suas principais obras tiveram na produção do pensamento geográfico que, doravante, estabelecerá os pilares teórico-metodológicos sobre os quais se edificarão os grandes temas e, principalmente, as grandes abordagens dos geógrafos brasileiros até o alvorecer da chamada “Geografia Radical”.

Como se sabe, entre os pioneiros da geografia brasileira, então balizada pela verve científico-acadêmica², a presença marcante de professores franceses também acentuou os liames pelos quais as múltiplas influências francófilas deitaram suas raízes no curso da produção geográfica que a jusante se estribará. Nomes como os de Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines, só pra citar os mais expoentes, herdeiros do pensamento de Paul Vidal de La Blache, são sempre lembrados como fundadores da geografia

¹ Alguns autores já debateram os caminhos e os descaminhos pelos quais se processaram os intercâmbios entre a história e a geografia. Outrora marcadas por fulgurante intensidade, tais permutas têm, na atualidade, como espectro a ambiguidade e a timidez. Segundo Yves Lacoste, a história, ao buscar sua afirmação no cenário acadêmico francês do primeiro quartel do século XX, procura empréstimos vigorosos na geografia, sobretudo na de corte vidaliano. Para Lacoste, a acolhida, levada a cabo principalmente por Lucien Febvre no seu *A terra e a evolução humana*, além de acomodar a geografia como aliada no combate à sociologia e demais ciências, implicou num esquadramento e aprisionamento do objeto geográfico que, conforme a apreciação do olhar da história teria que se limitar à descrição dos fatos estritamente naturais. A esse respeito, ler Braudel Geógrafo, in LACOSTE, Yves. *Ler Braudel*, Papirus, 1989, pgs. 185-187.

² A geografia brasileira, notadamente aquela de corte tipicamente acadêmico-científico, que desde os primeiros anos do século XX recebera fortes contribuições de Delgado de Carvalho, de fato ansiava pelo momento fundamental de criação das condições estruturais e funcionais para sua efetiva consolidação enquanto uma ciência de grande importância na formação da sociedade brasileira. O advento da USP – Universidade de São Paulo, em meados da década de 1930 representará o apogeu deste horizonte de expectativas.



brasileira (MOREIRA, 2008). Estes e outros geógrafos, ao imprimirem as tonalidades de seus estudos estarão cada qual a sua maneira, manipulando conceitos, princípios e temas afeitos à perspectiva lablacheana.

Assim sendo, se as produções destes estudiosos e a militância dos mesmos junto à docência universitária informam sobre o grau de filiação dos mesmos aos postulados lablacheanos, importa perceber até que ponto o pensamento braudeliano, em termos teóricos e metodológicos, os influenciará ou, no mínimo, se colocará como seu interlocutor direto.

Como se sabe, o mote principal que caracteriza a *Nouvelle Histoire* (Escola dos Annales), desde a aurora da crítica à história dita tradicional até os dias correntes, é afirmar a noção de um tempo estrutural em detrimento da noção de um tempo factual, isto é, por termo ao tempo individual, moldado pela política e pelos feitos grandiosos e entronizar o tempo da longa duração, mitigador dos subjetivismos e dos alaridos de uma história essencialmente política.

A afirmação deste tempo estrutural virá com as teses de Braudel, todavia, seus primórdios remontam a geração que imediatamente lhe antecedeu. Foi, pois com Lucien Febvre e Marc Bloch, fundadores da primeira geração dos Annales, que a noção de um tempo longo, justificador das permanências na história, ganhou suas primeiras impressões. O próprio Lucien Febvre, numa obra³ que antecede a própria criação da revista supra mencionada, já havia ressaltado a necessidade de que os combates vindouros levados a cabo pelos historiadores haveriam de incorporar elementos, premissas, noções e conceitos afetos ao *métier* da ciência geográfica.

Evidentemente que uma série de questões pertinentes a essa questão podem ser suscitadas, quais sejam: por que os pais fundadores e, principalmente, Fernand Braudel, expoente da segunda geração dos Annales, se importaram com a geografia a ponto de, às vezes, submeter a existência da história às vicissitudes dos fenômenos geográficos? Que tipo de geografia foi acolhida nas reflexões destes historiadores e qual a relação da mesma com o principal fundamento da *Nouvelle histoire*, o tempo estrutural? Haveriam outras geografias sendo produzidas ao tempo desta “escolha”⁴ e por que as mesmas não

³Ver “A terra e a evolução humana”, FEBVRE Lucien. Esta obra veio a lume no ano de 1922 e antecipa algumas das posições da futura Escola dos Annales acerca da geografia e da sua cientificidade quando comparada com a suposta “não cientificidade” dos estudos ratzelianos.

⁴Segundo Lacoste, Lucien Febvre teria aventado que “pode-se muito bem dizer que foi a geografia vidaliana que gerou a história que é a nossa” (Lacoste, 1989, p.192).



serviram aos propósitos dos *annalistes*?

Estas e outras questões já foram tratadas por vários estudiosos que se debruçaram sobre o tema da confluência espaço/tempo na produção historiográfica francesa contemporânea. Ademais, a dimensão geográfica da obra braudeliana, considerando tanto o viés epistemológico, quanto o ideológico, já foi fartamente medida e decifrada tanto por historiadores, da altura de um François Dosse, em seu clássico *A História em Migalhas*, como por geógrafos. Nesse sentido, a presente investigação não envida esforços em revisitar tal tema, mas palmilhar o alcance do mesmo recobrando do teor das obras dos geógrafos brasileiros possíveis nexos com as teses do grande historiador francês.

Parte-se do pressuposto de que a geografia que se faz no Brasil, no período que segue ao imediato término da Segunda Guerra Mundial, vai dialogar com a obra braudeliana. Esse diálogo, crispado ou não pelos avatares de uma geografia nitidamente lablacheana, apontará para um maior ou menor afastamento em relação aos aforismos da Escola dos Annales? A afirmação da ciência geográfica no cenário acadêmico ratificará ou não o modelo de geografia discutido por Fernand Braudel? A geografia inspirada no texto braudeliano influenciou a produção de grandes geógrafos brasileiros? Em que medida?

Como se vê, existe uma infinidade de questões postas e que ainda não foram devidamente tratadas por aqueles que se debruçam sobre a história do pensamento geográfico brasileiro. Ao optar-se pela análise das obras de alguns geógrafos de origem francesa infere-se que o grau de aceitabilidade e de congruência para com a nova tendência do pensamento histórico francês era, evidentemente, muito mais acentuado. Grosso modo, a geografia francesa, de corte vidaliano, assentada nos estudos de paisagem e na descrição dos mosaicos de gêneros de vida que conformariam uma dada região, é a geografia que desfila em parte considerável da produção intelectual de Fernand Braudel, sobretudo na sua *Identidade da França*, obra inacabada e levada a cabo nos seus últimos anos de vida.

É inegável que a discussão das categorias espaço, paisagem, região e lugar perpassam todo o universo das questões acima listadas. Por sua vez, o cuidado em situar o aparecer de tais categorias na produção geográfica brasileira, cotejada junto ao enfoque braudeliano, ajuda a evitar o risco de anacronismos e de análises excessivamente moldadas por termos e expressões rígidas e infensas a mudanças. Falar-se-á de espaço, de paisagem, de região e de lugar, bem como, de demais categorias



nucleares da geografia, quando as obras de Monbeig e de Andrade passarem pelo crivo da análise ora aqui pretendida. Porém, situando-as e dando-as o tratamento teórico-metodológico assente ao seu tempo.

No que tange a esta fidelidade temporal, considera-se que a geografia brasileira contemporânea é, grande parte, tributária deste contexto. Sejam produções afiliadas à escola lablacheana propriamente dita, sejam aquelas fundadas no radicalismo marxista ou humanístico-fenomenológico, seja corroborando, seja refutando, a geografia brasileira se desdobrará em íntimo diálogo com a perspectiva esposada por Braudel.

Poder-se-ia ventilar que o fulcro teórico de categorias como espaço, paisagem, meio, território, lugar e região, que pululam nos textos de Braudel, Monbeig e Andrade, era outro totalmente distinto do que se configurará no período de renovação do pensamento geográfico, via geografia radical e humanista. Não obstante, o reconhecimento de tais singularidades, não obstrui interessantes recorrências teóricas nos textos dos três autores supracitados.

A título de exemplo, a análise monbeigana de complexo geográfico (Dantas, 2009) abriga tanto os aportes da geografia clássica, sob os quais a paisagem tende a secundarizar a ação antrópica em nome de uma harmonia do lugar, quanto questões candentes que passam a informar o mundo conforme o pulsar das interconexões econômicas planetárias, a esse respeito, Monbeig, mesmo não se distanciando do modelo de ciência idiográfica, percebe a importância das variações e das especializações produtivas e indutoras de laços mais ou menos provisórios entre os lugares e entre as cidades.

Na coletânea de ensaios chamada *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*, editada no ano de 1957, Pierre Monbeig reitera sua concepção de complexo geográfico. Nas análises empreendidas por ele destaca-se a crítica ao caráter puramente mnemônico que, até então, presidia o processo de ensino-aprendizagem de geografia nas escolas brasileiras. Segundo ele, o complexo geográfico

se exprime antes de tudo na paisagem, a qual, formada uma e indissolúvelmente pelos elementos naturais e pelos trabalhos dos homens, é a representação concreta do complexo geográfico. Por esta razão, o estudo da paisagem constitui a essência da pesquisa geográfica. (MONBEIG, 1957, p.11)

Não muito longe de tal postura, Manuel Correia de Andrade, influenciado por



Monbeig (Saquet, 2010), faz uso da ciência geográfica para enfrentar os problemas sociais que aplacam as classes subalternas no Nordeste. Para Andrade, a Cabanada estaria associada às origens do movimento dos sem-terra. Este autor, apesar de incorrer na mesma “tricotomia” que tanto caracterizou a geografia clássica⁵, acima de tudo a que seguiu a trilha do enfoque vidaliano, enveredou pela dialética e elaborou uma síntese inovadora do pensamento geográfico brasileiro, destacando a dinâmica territorial, a contraditória relação entre o homem e a natureza na produção do espaço.

Braudel e a geografia.....de quantos *Mediterrâneos* estamos falando?

Na história do pensamento geográfico brasileiro, desde seus primórdios, passando pela criação do IHGB⁶, em 1838; pela contribuição dos viajantes europeus que, estimulados por governos, institutos de pesquisas, museus, mecenas ou pelos próprios viajantes diletos ou com fruição científica, singraram a interlândia brasileira legando-nos tanto a base empírica, quanto a disposição metodológica que doravante sustentarão os primeiros ensaios geográficos; pela constituição das Sociedades Geográficas, já em meados daquele século, até a difusão dos trabalhos de Delgado de Carvalho e de Aroldo de Azevedo, na primeira quadra do século XX, enfim, por quase um século e meio a produção do que viria se chamar “geografia brasileira” foi lastreada pelas modalidades de diálogos, aproximações e apropriações edificadas na interface com a história.

Diversos autores já salientaram que o crescimento da importância da geografia vis-à-vis a história está relacionado à crescente valorização da dimensão territorial (Moraes, 2002; De Luca, 1999; Souza, 1997; Arruda, 2000; Magnoli, 1997), entendida enquanto extensão, profusão de atividades e diversidades fauno-florística, econômica, mínero-hidrológica e cultural, em detrimento da própria ênfase na história nacional. Haveria mesmo certo “recuo” momentâneo da hegemonia da história, enquanto disciplina fundamental aos artífices do projeto de nação atinente ao modelo de sociedade excludente, aristocrática e oligárquica, sequiosa de conservadorismos, mediante ao “gigante pela própria natureza”.

⁵Ver O Discurso do Averso (Moreira, 1988)

⁶Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro



Mas, se os estudos corroboram o crescimento do *élan* da geografia quando cotejada pelos contributos da história, os mesmos estudos também afirmam a imperiosa força dos fenômenos da natureza na alusão de tudo aquilo que se presumia ser geográfico. Nesse sentido, a geografia brasileira, no que pese a herança do historicismo e do neokantismo, cresce sob a sombra da natureza e, conforme o ponto de vista aqui defendido, tal estado de coisas oferecerá terreno fértil ao afluxo da proposta braudeliana, ao passo em que esta valorizará as heranças históricas freadas ou premidas pela indelével força dos fenômenos naturais⁷.

Assim sendo, o estudo da obra braudeliana e mesmo da geração dos “pais fundadores” dos *Annales* é de suma importância à compreensão dos rumos que a geografia brasileira irá tomar a partir do término da Segunda Guerra Mundial. Sabe-se que Fernand Braudel, antes mesmo da sua vinda para o Brasil, já se insinuava nos ambientes onde a história buscava institucionalizar-se na sua ofensiva contra o poderio alcançado pela sociologia que, na época, capitaneava os rumos das ciências humanas em geral.

A única ressalva a ser feita é a de que a história-problema, defendida por Braudel em oposição à história historicizante, por asseverar a importância dos fatos lentos, poderia contrariar os interesses de parte da intelectualidade brasileira interessada em “apressar” a história. Seja como for, a geografia derivada das teses braudelianas encontrou na geografia brasileira, que há pouco acolhera os primeiros trabalhos de Paul Vidal de La Blache, vestígios de uma familiaridade facilitadora de intercâmbios.

Tais nuances seriam advindos de influências diretas e indiretas do trabalho, da estada e da produção teórica de Fernand Braudel no Brasil? A presente investigação acredita na hipótese de que de fato ocorreram alterações na composição dos temas e na seleção e arrolamento dos conteúdos em suas respectivas unidades.

O conhecimento dos fundamentos teóricos, metodológicos e ideológicos da geografia brasileira, vincada pelos aportes das reflexões dos historiadores franceses, pode revelar tácitos movimentos de formulação de eixos norteadores que balizarão os

⁷No seu *Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*, que embora só viria a ser editado pela primeira vez no ano de 1949, momento em que Braudel não mais reside e trabalha na Universidade de São Paulo, é possível detectar elementos valiosos que permitem vislumbrar a perspectiva geográfica deste historiador. De acordo com Yves Lacoste, Braudel teria sido muito mais geógrafo que a grande maioria dos seguidores da escola lablacheana, uma vez que a noção de espaço encontrada na maior parte de sua monumental tese doutoral não se limitaria ao que entendemos grosso modo como geografia física, mas que, pelo contrário, incorporaria as dimensões social, econômica, cultural e, sobretudo, política.



principais estudos por parte de professores franceses e nacionais. Os estudos de sítio urbano, por exemplo, na esteira de Mombeig, revelam a preocupação da ciência geográfica em entender a dinâmica social comandada pelas atividades e pelo *modus vivendi* tipicamente urbano. De acordo com Lacoste (1989, p194), levando em conta a relação campo-cidade, Braudel teria priorizado o estudo das cidades em detrimento do campo nas suas principais obras. Esta prioridade reforçará ainda mais a ênfase nos fenômenos citadinos por parte não só de Pierre Monbeig, mas de toda uma geração de geógrafos.

Ora, se a geografia brasileira produzida num contexto de urbanização e de predomínio da cidade sobre o campo acompanhou esta hegemonia dos fatos urbanos sobre os fatos rurais, em que medida os autores ora analisados se aliaram a tal tendência?

Uma possível resposta a esta problemática repousa na persistência de temas ainda associados à perspectiva lablacheana e a assumência de outros vinculados ao horizonte ainda impreciso de transição da geografia clássica para a renovação quantitativa e, em seguida, para a geografia crítica. Conceitos como os de “fato geográfico” e de “complexo geográfico” e “franja pioneira”; elaborados por Pierre Monbeig (DANTAS, 2009), simbolizam este contexto e, também, apontam a forma pela qual se dava a permuta entre historiadores e geógrafos. Monbeig admitia que se história lidasse com a complexidade que presidiria as conexões dos fatos históricos no tempo, a geografia, por seu turno, investigaria as ramificações dos fatos geográficos na paisagem, sustentando sempre que “a natureza por si só nada explica” (MONBEIG, 1957).

Percebe-se que o texto mombeigano, sobretudo sua tese de doutorado “Pioneiros e fazendeiros de São Paulo” além de ser nitidamente herdeiro da geografia lablacheana, no centralismo dado a paisagem, no cuidado em discernir os gêneros de vida de uma região e na ênfase dada ao trabalho de campo, não escapa das influências advindas do cenário sócio-econômico do entre-guerras e lança mão da noção de rede pra entender a gama de vetores atuantes nas permutas entre os núcleos urbanos. E mais, parte do pressuposto de que a paisagem não é apenas o visível, mas é repositório de desejos, sensações e, assim sendo, esta “imaterialidade” estaria antecipando temas que estão em alta no debate geográfico atual, dentre eles, as subjetividades e o estudo do cotidiano⁸.

⁸Antes de Monbeig, Braudel já havia destacado a importância do cotidiano. Para ele o cotidiano era, em geral, o reino da rotina, bem como das atitudes que, atualmente, chamamos de hábitos mentais.



No interregno entre as duas grandes guerras mundiais, a intelectualidade européia assistia a agressiva supremacia da sociologia, de corte durkheimiano, que já na *Belle Époque* desalojara a história do posto de ciência hegemônica no âmbito das chamadas ciências sociais. O surgimento dos *Annales*, conduzidos por Marc Bloch e Lucien Febvre já em fins da década de 20, prenunciam o combate e o sucesso dos historiadores que, ao enfrentarem o modelo de história tradicional, enfrentaram também o predomínio da sociologia.

A investida da História foi inovadora, permitindo-a aplacar seus opositores através de dois pontos básicos: a interdisciplinaridade, incorporando procedimentos teóricos de outras ciências como a Linguística, a Antropologia, a Economia e a Geografia, e substituição da noção de tempo cronológico pela noção de tempo estrutural. Desde então, priorizou a noção de história-problema (Burke, 1997).

No Brasil, a vinda da missão francesa⁹ coincidiu com vigor alcançado em França pela geração braudeliana junto aos *Annales*. A profusão de ensaios políticos de verve nacionalista e patriótica (De Luca, 1999), contrastará claramente com a proposta de trabalho dos intelectuais franceses aqui instalados. Entretanto, o afã de estudos que buscavam desvendar os fundamentos e os rumos da nação brasileira (Sandes, 2000) encontrava guarida no discurso geográfico que exaltava a nossa grandeza territorial. Evidentemente que tanto Braudel, quanto Monbeig e demais professores que para cá vieram, primaram pelo rigor científico e a cientificidade então em voga exigia, na esteira de La Blache, um afastamento da história política, dos ufanismos, bem como, de projetos que comprometiam o saber com intenções nacionalistas.

Mesmo que se parta do pressuposto de que a geografia brasileira inovou severamente o cenário geográfico brasileiro até então, não se pode afirmar categoricamente que houve uma mudança radical e, muito menos paradigmática. O grau de naturalismo que camuflava interesses oligárquicos apinhados em volta do discurso nacional hegemônico flertava com a noção de longa duração, desde que a mesma não desse margem a um tempo totalmente imóvel. A geografia concebida por Braudel no seu Mediterrâneo e os textos monbeiganos não elidem a possibilidade de mudança na ambientação do homem junto ao meio natural (Lacoste, 1989), porém, ao admitirem o peso considerável dos fatos naturais na estruturação dos gêneros de vida, induzem a

⁹Monbeig lecionou na recém fundada Universidade de São Paulo durante o período de 1935 até 1946 e Braudel esteve no Brasil nos anos de 1935 a 1937, e depois em 1947, lecionando na mesma universidade.



uma crença de que as permanências suplantam as mudanças.

Para Lacoste, Braudel teria elaborado “uma concepção não-vidaliana de geografia”. Sendo assim, o autor não teria sido tão fiel aos preceitos dos pais fundadores dos *Annales* que, para o autor, teriam “escolhido” parte da obra de Vidal de La Blache que lhes interessava. Tal postura teria ficado indiferente ao Vidal de La Blache que ora falava das cidades nos *Princípios de Geografia Humana*, ora discutia a geopolítica, no A França do Leste.

Ora, a geografia produzida por Manuel Correia de Andrade, se tomarmos como referência o livro *A Terra e o Homem no Nordeste*, também não se enquadra perfeitamente nos cânones da geografia vidaliana. Mesmo que o mesmo apresente uma estrutura tricotomizada¹⁰ a noção de gênero de vida não suplanta a importância das relações de trabalho e de produção que respondem não só pela situação de atraso econômico do Nordeste quando comparado a outras regiões, mas, também, pelo grau de opressão a que são submetidas as imensas levas de pequenos produtores rurais, lavradores, foreiros, meeiros e demais categorias de trabalhadores rurais, mediante o curso da estruturação fundiária brasileira.

Sendo assim, não se pode presumir que a geografia de Manuel Correia de Andrade seja uma extensão da obra de Pierre Monbeig e que a obra deste último seja simplesmente um arremedo dos pontos essenciais lançados pela perspectiva geográfica de Braudel, levando em conta principalmente o peso da geografia no Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II. Conforme as pistas lançadas por Lacoste, talvez fosse mais plausível pensarmos em geografias e não em uma única geografia que teria sido objeto de reflexões, mais ou menos críticas, dos leitores da obra braudelianiana. Se assim o fizermos, poderemos entender tanto as aproximações, acomodações, adaptações, quanto as dissonâncias e divergências que as produções intelectuais de Monbeig e Andrade guardarão a respeito da obra de Braudel.

Nesse mesmo diapasão, a perspicácia de Lacoste, e sua incomparável capacidade de “revirar o real” quando aplicada aos textos lablacheanos e braudelianos, permite alçá-la também para o outro lado da moeda, qual seja, o das possíveis “filtragens” que o pensamento geográfico brasileiro, sob o caudal das influências teóricas e empíricas de Braudel e de Monbeig, teria promovido no ímpeto de construir uma geografia que se adequasse aos ditames do contexto histórico conhecido como “Guerra Fria”.

¹⁰Para uma reflexão mais abrangente e aprofundada sobre a noção de uma certa “tricotomia” na geografia clássica, bem como suas relações de causa e efeito, conferir Moreira (1988).



Sustenta-se aqui que a ênfase dada aos fatos humanos, em detrimento dos fatos naturais, característica que gradativamente marcará as produções Braudel, Monbeig e Andrade, respectivamente, além de contradizer a própria ideia de geografia que os Annales acercaram, contradiz também a crença de que a geografia tradicional, de cepa lablacheana, foi homogênea e inabalável durante o período em que a mesma dominou o cenário teórico do pensamento geográfico contemporâneo.

Considerações finais

O texto ora apresentado é parte integrante de um projeto de doutorado que repousa sobre algumas pistas – que conforme Salgueiro foram pouco palmilhadas pelos estudiosos da história do pensamento geográfico – de um possível fio condutor entre as produções teóricas do historiador francês Fernand Braudel e os horizontes geográficos esposados por seu conviva imediato, o geógrafo Pierre Monbeig e aqueles que individualizarão a obra do grande geógrafo pernambucano Manuel Correia de Andrade.

Para a consecução de tal empreendimento a metodologia utilizada foi a que permitiu o transparecer, a compreensão e o desanuviamento das múltiplas implicações dos métodos de investigação do material geográfico discernidos nas obras dos autores ora analisados. Nesse ínterim, toda a documentação bibliográfica, relativa a livros, artigos, teses, apontamentos, comentários, biografias, etc., foram considerados essenciais ao enfoque do objeto em estudo.

Pelo fato de a pesquisa apresentar-se como eminentemente bibliográfica, o rigor acerca das obras a serem analisadas, em extensão e profundidade, pode livrá-la do ensaísmo diletante e estéril. Por isso, no segundo momento, buscar-se-á o cotejo entre as reflexões teóricas mais pronunciadas dos autores pesquisados, com demais fontes documentais direta e indiretamente envolvidas no campo das representações dos referidos contextos históricos então demarcados.

No que concerne ao manuseio teórico-metodológico do objeto de estudo, a prerrogativa de um olhar plural sobre a superfície pouco precisa da relação espaço-tempo subsumida no que convencionalmente se chama fato histórico, implica em deslindar de todo e qualquer esquematismos apriorísticos e, por outro lado, do excesso de empiria que subjaz em certas crenças objetivistas. Por essa via, os aportes teóricos de Braudel, Monbeig e Andrade, serão examinados, respeitando os contextos históricos e as motivações pessoais, profissionais, institucionais, filosóficas e axiológicas destes



pensadores.

Por fim, cabe aqui ressaltar que, a retomada do debate sobre a geo-história, os meandros das trocas entre historiadores franceses e geógrafos franceses e brasileiros, os discursos norteadores da geografia brasileira do segundo meado do século XX, enfim, as questões cruciais que suscitaram a investigação presente serão tangenciadas pelo espectro do olhar do pesquisador que recai sobre as mesmas.

Para tanto, o andamento da pesquisa reservará momento especial às entrevistas a determinados professores que, de um modo ou de outro, conviveram com os intelectuais e, até mesmo, souberam por terceiros de aspectos corriqueiros de suas vidas. O produto dessa consulta a depoentes que testemunharam tais contextos “na carne”, pode adiantar, corroborar ou inflectir sobre os rumos e os objetivos da própria pesquisa o que, como se quer, é salutar por permitir a (re)acomodação da pesquisa na tensão constante como o objeto pesquisado.

Referências bibliográficas

AIRES DE CASAL, Manuel. 1945 [1817]. **Corografia Brasília**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

ANDRADE, Manuel Correia. **Geografia: ciência da sociedade**- Uma introdução à análise do pensamento geográfico. Editora Atlas, São Paulo, 1987.

_____. **O Pensamento Geográfico e a Realidade Brasileira**. In: Boletim Paulista de Geografia. n 54. São Paulo: AGB, 1977. p. 5-28.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões: entre a história e a memória**, EDUSC, Bauru SP, 2000.

BERNARDES, Nilo. **A Influência Estrangeira no Desenvolvimento da Geografia no Brasil**. In: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 519-527. jul/set, 1982.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Felipe II**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. **A Identidade da França**. São Paulo: Globo, 1989.

_____. **“A Longa duração”**, IN: Escritos sobre a história. São Paulo:



Perspectiva, 1992.

_____. **A Geohistória**. IN: Revista de História Contemporânea, n.1, São Paulo: Xamã, 2002.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989**, A Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Unesp, 1997.

DANTAS, Aldo. **Monbeig e a noção de Complexo Geográfico**, Confins [Online], 7 | 2009, posto online em 31 outubro 2009, Consultado o 18 outubro 2011. URL: <http://confins.revues.org/index6091.html>

DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil**: Um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

DOSSE, François. **A História em Migalhas**. Bauru: EDUSC, 2003.

FEBVRE, Lucien. **A Terra e a Evolução Humana**. Lisboa: Cosmo, 1954.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: para una semántica de los tiempos históricos. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993.

LA BLACHE, Paul Vidal de. **Princípios de Geografia Humana**. Lisboa: Cosmo, s/d.

LACOSTE, Yves. “**Braudel Geógrafo**”, In: Ler Braudel. São Paulo, Papyrus, 1989.

LIRA, Larissa Alves de [aut.]. SECCO, Lincoln [orient.]. **Relatório de pesquisa**: A Concepção de Espaço de Fernand Braudel na Primeira Parte de O Mediterrâneo. São Paulo: FAPESP, 2005-2007.

MAGNOLI, Demétrio. **O Corpo da Pátria**. São Paulo: Moderna/EDUNESP, 1997.

MENDONZA, Josefina Gómez. **Geografías del Presente y del Pasado**. Un Itinerário a través de la Evolución Reciente del Pensamiento en Geografía Humana (1970-1885). In:

BALLESTEROS, Aurora Garcia. Teoría y Práctica de la Geografía. Madrid: Alhambra, 1986. p 3-43.

MONBEIG, Pierre. **A Geografia no ensino secundário**. Boletim Geográfico, ano 3, n. 26, maio, 1945.

_____. **Novos estudos de geografia humana brasileira**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1957.

_____. **Complexidade em geografia humana**. O Estado de São Paulo, 9 e 16



abr.1950.

_____. **Ensaio de geografia humana brasileira.** São Paulo: Livraria Martins, 1940.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território e História no Brasil.** São Paulo:Hucitec, 2002.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo, Contexto, 2007.

_____. **O Discurso do Averso.** Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1988.

SANDES, Noé Freire. **A invenção da nação:** entre a Monarquia e a República. Goiana: Ed.da UFG: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2000.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Contribuições para o entendimento da obra de Manuel Correia de Andrade:** geografia, região, espaço e território Revista Geo UERJ , vol 2, n. 21, Rio de Janeiro.

SOUZA, Candice Vidal e. **A pátria geográfica.** UFG/Cegraf, Goiânia, 1997